

aretê, paidéia e a arte sofística como distorção da educação

Wesley Andrade Lima; UFCA; wesleysodboa@hotmail.com.br

Damião da Silva Gomes; UFCA; damiaogomes599@gmail.com

Resumo: Esse trabalho pretende traçar uma linha histórica da arête como excelência. A conquista da educação grega “paidéia” que tem uma forte influencia em Sócrates aos seus discípulos, chegando a conclusão que as medidas tomadas pelos sofistas se distanciam da verdadeira face desta, ou seja, educar para o bem, educar para o belo.

Palavras-chave:aretê, paidéia, sofistas

É comum considerar a educação na Grécia antiga como uma arte, a grande busca por excelência é submetida com afeto de discípulos e mestres, a rigor de se conhecer enquanto cidadãos de Atenas, a educação não é uma propriedade individual, mas pertence por essência à comunidade, a aretê é de fato o modo mais próximo de se conhecer enquanto substância, mais poder optar em recursos políticos que em sua cultura a essência era adquirida através da Paidéia. O que seria Paidéia? Alguns estudiosos denominam como “as práticas e teorias que se repontam a uma exigência fundamental da mentalidade grega, o desejo de formar e educar, o cuidado daquilo que os gregos denominam Paidéia” (HADOT, 1999, p.30) ou “A Paidéia grega configura uma vibrante forma de entender e de organizar a sociedade e a cultura humana” (NUNES, 2017, p.2a).

A “aretê já era considerada na Grécia não só a virtude a existência” humana, mas também a superioridade dos demais indivíduos não humanos, essa excelência era natural da nobreza, elas nasciam com esse potencial, a era Homérica teve uma forte influência no cotidiano da época, “Homero entendia por aretê as qualidades morais ou espirituais” (JAEGER, 1994, p.24), os grandes guerreiros que possuíam a valentia e a bravura já tinha a aretê, que mais tarde, se tornará com os filósofos a nobreza da alma.

Homero em suas obras tratava a aretê como a virtude física, a excelência que se garantia pela batalha, a luta e a vitória cavaleiresca, que a rigor era a prova de fogo do homem grego, sempre como uma luta e rivalidade, porém ainda em Homero reverte-se essa visão oscilante, que em ilíada se faz contraponto trazendo um conceito do homem nobre de espírito, a grandeza da alma, com a mais elevada perfeição espiritual e ética (JAEGER, 1994, p.30).

Nesse enfoque, Homero ficou conhecido como educador, seus poemas estavam aceitos como forma de educação e fonte de prazer, obras que abrangiam a mitologia, encaradas pelos gregos a saída e a diferenciação dos deuses e humanos, mas ainda uma mudança na educação, como diz Jaeger:

Logo se fez sentir a necessidade de uma nova educação que satisfizesse aos ideais do homem da pólis [...] Segundo as pegadas da antiga nobreza (que mantinha rigidamente os princípios aristotélicos da raça), a pólis tratou de realizar a nova aretê considerando todos os cidadãos livres do estado ateniense como descendente da estirpe ática e fazendo-os membros conscientes da sociedade estatal, obrigados a servi o bem da comunidade [...] Sua finalidade era a superação dos privilégios da antiga educação para a qual a aretê só era acessível aos que possuíam sangue divino (os áristoi). Coisa não difícil de alcançar para o pensamento racional que ia prevalecer. Havia somente um caminho para conseguir este fim: a formação consciente do espírito [...] a aretê política não poderia nem devia depender do sangue nobre, mas da admissão do povo (demos) no estado [...] A ideia da educação consistia em usar a força formadora do saber, a nova força espiritual da época, colocá-la a serviço dessa tarefa [...] Era preciso, antes de tudo, romper a estreiteza das antigas concepções, seu mítico preconceito do

privilegio do sangue, e coloca em seu lugar força espiritual e moral do saber, do *sophia* (JAEGER, 1994, p.264 apud CHAUÍ, 2002, p.157).

A nova *Paidéia* já foi estalada após Homero, com a intuição da participação política, com o intuito de um respeito intenso as leis atenienses, formado agora não guerreiros, mas formadores de opinião, os que desprezavam as riquezas materiais e priorizavam as virtudes da vida, os atenienses por vez, tratavam os estudos como privilégio de conhecimento, não como os aristocratas que preservavam a coragem.

Com Platão e Aristóteles, falava da educação e da busca pela excelência de modo mais perplexo, Platão em suas obras, tratava com a educação socrática e como ele tratava seus discípulos sempre em contexto de diálogos em métodos de indagação, levando seus alunos a descobrirem por conta própria a busca pelo belo, Sócrates direcionava seus debates para uma conclusão negativa, deixando-os sem saída. Para Platão a virtude aparece dividida em três partes: “a racional (*logistikon*), a efetiva ou dotada de espírito (*thymocides*) e a apetitiva (*epithymetikon*) a cada um destas partes corresponde às virtudes adequadas” (PPATRÍCIO, 2005, p.290).

Sócrates mesmo indagando seus discípulos confessava nada saber, a grande questão é como um mestre que nada sabe consegue reconstruir pensamentos em outras pessoas? Na “defesa de Sócrates” o oráculo de Delfos diz que não há ninguém mais sábio que Sócrates, essa resposta leva Sócrates a uma grande busca investigatória pela indagação de Delfos, o que faz Sócrates saber, é o fato de achar que não sabe e estar sempre à procura do saber, é nesse contexto que Sócrates aparece como o questionador, oráculo indaga que essas foi a missão que os deuses acreditaram a Sócrates, de fazer com que os homens tomem conta de seu não saber (HADOT, 1999 p.50,51).

Essa passagem remete um vínculo muito forte com a noção da *paidéia* grega, a questão do não saber, como esses mestres usavam seus métodos para a busca pela verdade, porém Sócrates não ensinava nada, pois indagava nada saber, mais se satisfazia ao questionar.

Os sofistas e a arte de ensinar, conhecidos como os mestres da educação cidadã, justamente porque se apresentavam não como filósofos mais como professores de técnicas, não estabelecendo uma doutrina nos ensinamentos, pois apenas preservavam uma boa retórica, possuíam conhecimentos úteis sobre o objeto do seu conhecimento e ensinamentos, sabendo apresentar seus conteúdos de maneira atraente, a rigor, preza o ensinamento “útil aos homens”, com um grande grau de persuasão, para levar o ouvinte a lhe aceitar o que foi dito.

No século de Péricles, os sofistas indicavam um grupo particular de professores, que forneciam instruções e ensinavam a prática da retórica em grupo, e sempre rebater perguntas com exatidão, foram os que de contrapartida cobravam por seus ensinamentos. A persuasão que era de mais valioso entre todos os sofistas, conseguir persuadir os juristas, pois na justiça grega o acusado era seu próprio defensor, por conta desse modo de julgamento, os sofistas tiveram grandes ressaltos na época (CHAUÍ, 2002, p.161).

Uma obra antiga que lapida a verdadeira face do sofista que foi escrita por Aristófanes “As nuvens” que um de seus personagens principais seria o Estrepsíades, que estava devendo muitas dívidas e queria que seu filho aprendesse a persuasão, que usaria como um tipo de “arma” para livrasse das dívidas, a rigor, esse livro retrata a forte passagem do pensamento injusto, que vai contra a verdade do justo.

Segundo o pensamento injusto, clama:

[...] Meu rapaz, observe tudo o que existe na modéstia e de quantos prazeres você deve privar-se: meninos, mulheres, jogos de cômico, alimentos, bebidas, gargalhadas. Ora, de que lhe valerá a vida se for privada de tudo isso? Bem, passarei às necessidades naturais. Você agiu mal, ficou apaixonado e praticou um adultério, mas foi apanhado. Você está perdido, pois não é capaz de falar [...], pois se acaso for apanhado em flagrante adultério, você dirá ao marido o seguinte: que não tem culpa nenhuma (ARISTÓFANES, p.48)

Essa ampliação do conhecimento que os sofistas propagam, seria de forma incoerente, pois não visa o que seria de fato certo, e sim o que é desleal em cidadãos atenienses, agir segundo seus impulsos, mesmo com consciência de sua deixa lealdade praticara sem ingenuidade, persuadir contra qualquer argumento seja ele injusto, o maior embolso é a razão perante qualquer argumento contraposto.

No “sofista” de Platão, na primeira denominação que ele os avalia como caçadores interesses de jovens ricos, primeiramente ele explica o conceito de caçador, divididos em partes, caças dos animais inanimados e animais animados, definido-os como caça aos seres vivos e aos não vivos, após os animais aquáticos e aéreos (as aves), caça por rede e outras por anzóis e arpões, assim chega ao primeiro conceito de sofista, o sofista será como o caçador, aquele que por meio de sua retórica busca jovens ricos a quem possa lhe ofertar trabalho em troca da aretê, ensinando a excelência e a arte do galanteio, a dialogar e manter bons argumentos retóricos, mantendo sempre o foco a força da dialética (PLATÃO, 1991 p. 220)

Nessa perspectiva é necessário saber que a educação após Homero teve avanços mudanças, com os sofistas essa educação já se destaca de modo obscuro, não prezando a verdadeira essência da excelência virtuosa, mas a falsidade o que é justo convencendo jovens a usar de suas emoções para a retórica, usando intuitos os únicos para expressar seus sentimentos, havendo assim uma distorção na verdadeira aretê e o desmonte da verdadeira Paidéia.

Referencias:

ARISTÓFANES. **As Nuvens**. Trad. Jaime Bruna, Líbero Rangel de Andrade, Gilda Maria Reale Strazynski. Os pensadores, Nova Cultura, São Paulo. 1987.

CHAUÍ, M. **Introdução a história da filosofia**. Dos Pré-socráticos a Aristóteles. São Paulo: Companhia das letras. V1, 2002.

FONSECA, M. J. A Paideia Grega revisada. **Revista millenium**, Instituto Politécnico de Viseu, RE- Número 09, jan, 1998. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10400.19/769>>.

HADOT, P. **O que é filosofia antiga?**, Leituras filosóficas, 6.ed. São Paulo: Loyola Jesuítas, 2014.

JAEGGER, Werner. **Paidéia: a formação do homem grego**. 3.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 1994.

NUNES, C. **Da Filosofia do Amor ao Amor à Filosofia**. Librum Edições & Editora Brasília, Campinas, 2017.

PATRÍCIO, M. F. Perenidade da *Aretê* como horizonte apelativo da *Paideia*. Sobre a excelência em educação. Rev Port Cien Desp, I Congresso Internacional da Casa da Educação Física, Belo Horizonte, setembro, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.mec.pt/pdf/rpcd/v8n2/v8n2a10.pdf>>.

VIEIRA, P. E. A Gênese da educação grega: da aretê homérica à Paideia clássica. *Filos. E Educ.*, Dossiê, Campinas, SP, v.10, n1, p.166-183, jan. 2018. Disponível em:
<<http://doi.org/10.20396/rfe.v10i1.8652004>>